

TOCAR, SENTIR E DESCOBRIR: PIBID ARTES VISUAIS EM DIDÁTICAS SENSORIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JÉSSICA SILVEIRA DA SILVEIRA¹; BRENDA DOS SANTOS²; VERÔNICA COLVARA BERNARDI PORTO FIGUEIREDO³; ROBERTA MENDES MACHADO⁴;

DANIEL BRUNO MOMOLI⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – jessy.silveira25@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brendas25a@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – veronicacbernardipt@gmail.com

⁴Escola Municipal de Educação Infantil José Lins do Rego – machadomroberta@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – daniel.momoli@ufpel.edu.br e-mail

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar práticas desenvolvidas como bolsistas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação. O programa tem como finalidade fomentar não apenas a iniciação à docência, mas também contribuir para o aperfeiçoamento da formação docente, promovendo melhorias na qualidade da educação básica por meio da integração entre universidade e escola.

As ações foram desenvolvidas em 2025, no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em parceria com a Escola Municipal de Educação Infantil José Lins do Rego, instituição da rede pública situada no bairro Cruzeiro, na cidade de Pelotas/RS, que atende crianças de 0 a 5 anos de idade.

As atividades foram voltadas à exploração dos sentidos por meio de propostas sensoriais, considerando que a infância é um momento crucial para o desenvolvimento integral físico, cognitivo, afetivo e social. A partir desse entendimento, buscamos promover vivências que potencializassem a experimentação, a escuta, o toque, a atenção e a imaginação por meio de propostas artísticas como o painel sensorial, o livro sensorial e o percurso sensorial. Acreditamos que a arte, aliada aos sentidos, amplia o olhar da criança sobre o mundo, favorecendo a construção de vínculos, a autonomia e a expressividade.

A educação infantil é uma etapa essencial para as primeiras interações com o mundo, realizadas por meio do corpo, dos sentidos e das emoções. Diante disso, torna-se necessário proporcionar experiências que estimulem a percepção sensorial, o contato com diferentes materiais e o desenvolvimento do processo criativo dos alunos. A relevância do tema reside no fato de que as práticas sensoriais permitem que as crianças desenvolvam não apenas habilidades motoras e cognitivas, mas também acessem o universo da arte de maneira afetiva e significativa.

Assim, as atividades buscaram articular teoria e prática por meio de uma escuta sensível e de uma mediação pedagógica ativa, valorizando o olhar da criança como produtora de sentidos, e não apenas como receptora de conteúdos. Essa abordagem reforça o papel do educador como facilitador de experiências ricas, inclusivas e criativas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Figura 1,2 e 3: Atividades sensoriais realizadas na Escola Municipal de Ensino Infantil José Lins do Rego, Pelotas, RS.



Fonte: Acervo PIBID Artes Visuais

As atividades desenvolvidas foram elaboradas com base em uma observação atenta e constante da turma, aliada a uma escuta sensível das manifestações infantis em seus gestos, olhares, silêncios e curiosidades. Buscou-se compreender as necessidades, interesses e modos singulares de expressão das crianças pequenas, reconhecendo-as como protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem. Para isso, adotou-se uma abordagem metodológica inspirada em RINALDI (2012), colocando a escuta no centro, como dimensão humana e sensível da educação. Ao priorizar o diálogo, o respeito e a valorização das múltiplas expressões infantis, essa abordagem constrói relações educativas baseadas na confiança, na participação e na corresponsabilidade, entendendo a escuta como atitude ética e política, essencial para experiências significativas.

Em um primeiro momento, foi apresentado o painel sensorial, uma estrutura disposta em altura acessível, composta por fragmentos de materiais variados como penas, lixas, linhas, esponjas, algodão, plástico bolha, sementes, palitos, tecidos e malhas sintéticas. A organização do painel foi pensada para provocar a curiosidade tátil, permitindo que as crianças pudessem tocar livremente, explorar texturas contrastantes e nomear suas sensações como “áspero”, “macio”, “gelado”, “fofo” ou “duro”. Algumas crianças passavam as mãos repetidamente nos mesmos materiais, enquanto outras se interessavam em compará-los, tocando com a ponta dos dedos ou pressionando com as palmas. O vocabulário sensorial foi estimulado não apenas por meio da fala, mas também pela escuta ativa das mediações dos colegas. O painel permaneceu exposto na sala como recurso interativo, acessível durante diferentes momentos do dia, permitindo autonomia e novas descobertas a cada contato.

Na segunda etapa, foi elaborado um livro sensorial coletivo, construído ao longo de diversos encontros. As crianças participaram ativamente da escolha das texturas que comporiam cada página, papéis com gramaturas diversas, plástico bolha, lã, lixa, madeira, algodão, entre outros. A montagem envolveu ações de recorte, colagem, sobreposição e composição visual, mediadas pelos bolsistas e professora, mas sempre conduzidas pelas decisões das próprias crianças, que discutiam onde e como posicionar os materiais. O livro sensorial passou a integrar

a rotina como um objeto narrativo e de exploração: as crianças tocavam, nomeavam, recontavam experiências.

Por fim, foi realizada a criação de um percurso sensorial no pátio da escola, composto por diferentes estações de chão e passagem: caixas com algodão, pisos forrados com lã, sementes, folhas secas, palha de aço, entre outros. As crianças foram convidadas a percorrer esse trajeto descalças, sentindo a diversidade de estímulos táteis sob os pés. A travessia era feita com liberdade: algumas crianças percorriam correndo, rindo ou pulando de superfície em superfície, enquanto outras preferiam caminhar com mais calma, observando cada textura antes de pisar. Ao final do percurso, um túnel de tecido leve envolvia o corpo, criando uma atmosfera multissensorial imersiva, que provocava encantamento, riso, surpresa e silêncio. Essa proposta favoreceu o contato direto com o próprio corpo, desenvolvendo a percepção espacial, o equilíbrio, a coordenação e o brincar investigativo.

Durante todas as etapas, foi possível observar um envolvimento afetivo crescente das crianças, que iam estabelecendo vínculos não apenas com os materiais, mas com o espaço, com os colegas e consigo mesmas. Houve ampliação do repertório sensorial e simbólico, bem como valorização das expressões singulares de cada criança. Crianças que inicialmente apresentavam retraimento ou pouca interação social começaram a demonstrar curiosidade, tocar com mais frequência os materiais, verbalizar sensações e procurar a mediação dos adultos e dos colegas, evidenciando como as propostas sensoriais podem suavizar barreiras comunicacionais e emocionais, promovendo inclusão e senso de pertencimento no coletivo escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas por meio destas propostas evidenciaram a potência das atividades sensoriais como mediadoras de processos significativos na Educação Infantil. Entre os desafios enfrentados, destacam-se a necessidade constante de adaptação das propostas de acordo com o clima emocional e as particularidades do grupo.

Como possibilidade para desdobramentos futuros, sugere-se ampliar a presença das práticas sensoriais nos currículos da educação infantil, inclusive em turmas com crianças neurodivergentes, por meio da articulação entre arte, educação inclusiva e psicomotricidade. Também se aponta a importância de realização de pesquisas que investiguem o impacto das propostas sensoriais na construção da autonomia e da linguagem das crianças pequenas, assim como estudos que fortaleçam o papel da arte como meio de expressão não-verbal na primeira infância.

Em síntese, a atividade reafirmou o valor da arte como linguagem acessível, potente e transformadora, capaz de tocar os sentidos e ampliar as possibilidades de ser, estar e aprender no mundo tanto para as crianças quanto para quem ensina. As propostas sensoriais permitiram que as crianças se expressassem para além da linguagem verbal, dando forma às emoções, aos desejos e às curiosidades que carregam no corpo e na imaginação. Cada toque, cada escolha de material, cada reação espontânea foi uma forma legítima de comunicação. Nesse sentido, a arte mostrou-se um campo fértil para a experimentação, o vínculo e a autonomia, reforçando que aprender também é sentir, tocar, brincar e descobrir.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RINALDI, Carlina. **Inspirações em Reggio Emilia: a escuta, a pesquisa e a aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PELOTAS (RS). Secretaria Municipal de Educação e Desporto. **Documento Orientador Curricular**. Pelotas: SMED, 2020.